



RESUMO DE SEGURANÇA EM ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Travar o Extremismo no Norte da Nigéria

POR MICHAEL OLUFEMI SODIPO

- ◆ O Boko Haram e outros grupos islâmicos violentos têm conseguido servir-se da frustração causada pela pobreza generalizada, a corrupção governamental, os conflitos etno-religiosos e os abusos cometidos pelas forças de segurança para alimentar o extremismo islâmico no norte da Nigéria.
- ◆ A participação dinâmica dos jovens e das comunidades em programas de construção da paz que fomentam o contacto entre pessoas de diferentes meios, transmitem valores de tolerância e promovem a resolução pacífica de diferendos, contribui de forma eficaz para eliminar preconceitos e reduzir o chamamento das ideologias radicais.
- ◆ O combate à radicalização exige um amplo conjunto de iniciativas, incluindo a prisão de extremistas violentos, investimentos sustentados em comunidades marginalizadas e a promoção de valores de inclusão para travar a propagação de ideologias extremistas e reintegrar antigos combatentes de milícias radicais.

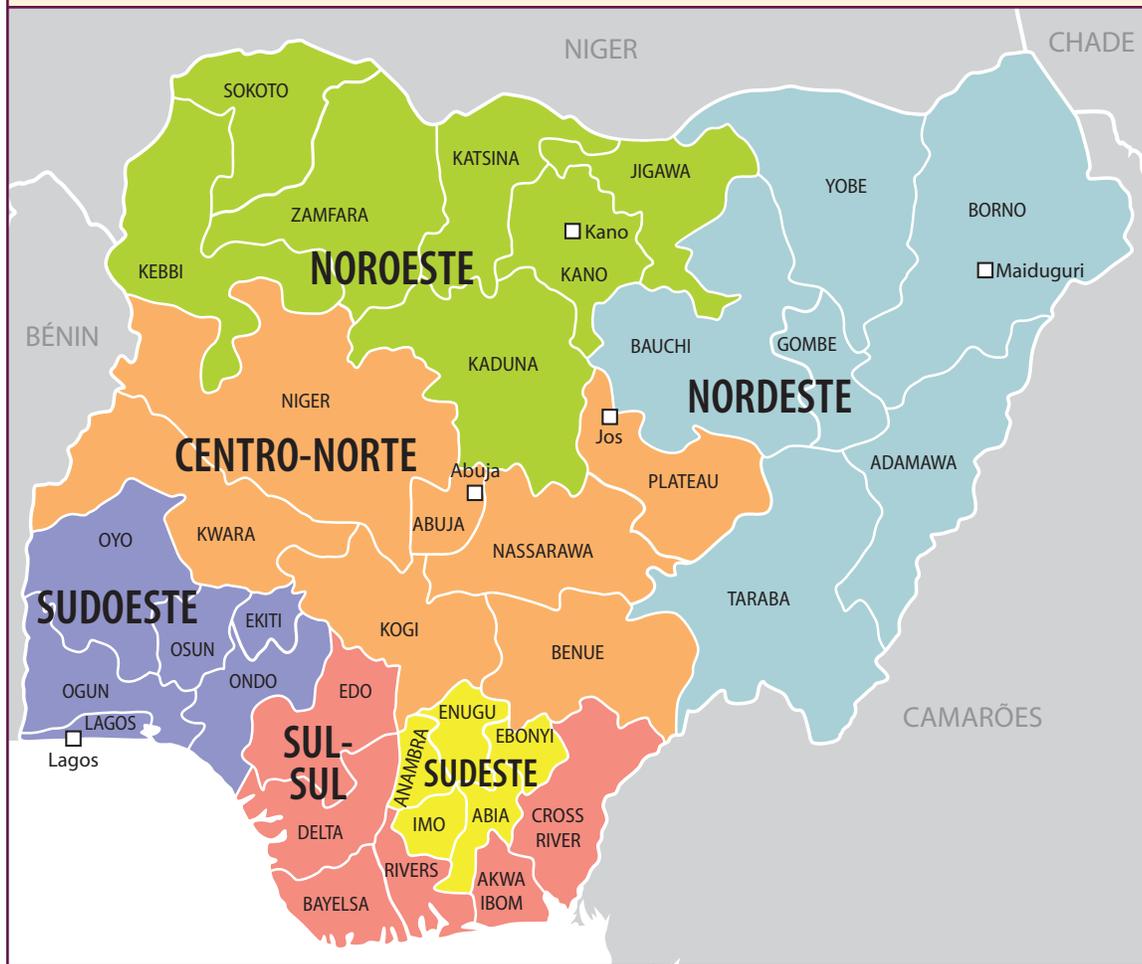
DESTAQUES

O norte da Nigéria é desde 2009 o cenário de um surto de jovens militantes islâmicos e grupos extremistas radicais. No final de 2011¹ a classificação da Nigéria entre os 158 países do Índice de Terrorismo Global ascendeu do 16 lugar que ocupava em 2008 para o 6 lugar (ao nível da Somália). Só no ano de 2011 foram registados oficialmente neste país 168 ataques terroristas. Os ataques bombistas perpetrados por todo o nordeste do país levaram o Presidente Goodluck Jonathan a proclamar o estado de emergência nos Estados de Adamawa, Borno e Yobe em Maio de 2013. Muitos nigerianos começam a admitir a possibilidade de o país estar à beira de uma guerra civil².

O principal grupo na origem deste surto de violência é o Boko Haram, uma seita islâmica extremista que pretende impor a charia (código de leis islâmicas) em toda a Nigéria. O norte da Nigéria vive hoje num ambiente de medo que contamina todos os aspectos do dia a dia. Muitos receiam pronunciar sequer o nome “Boko Haram”, que se tornou um sinónimo de violência e destruição. O grupo tem vindo a lançar desde Julho de 2009 centenas de ataques coordenados em toda a região setentrional do país, que causaram a morte de mais de

seis mil pessoas e a fuga de dezenas de milhares. Os principais alvos do Boko Haram são os membros das forças de segurança nigerianas, os cristãos e os muçulmanos acusados de cooperar com o governo³. O grupo recorre ao suborno de crianças e jovens para que denunciem vizinhos que não perfilham as suas ideias e obriga os prisioneiros que liberta a integrarem as suas fileiras, quer estes partilhem ou não a sua ideologia⁴. Os numerosos atentados que tem levado a cabo atingiram esquadras de polícia, instalações militares, igrejas, escolas, bares, redacções de jornais e o edifício das Nações Unidas na capital, Abuja. O cidadão comum teme tanto o Boko Haram como as forças de segurança do Estado, que são acusadas de abusos de direitos humanos. A cada batalha travada entre forças de segurança e rebeldes do Boko Haram aumenta o número de vítimas civis. Sempre que as forças de segurança são mobilizadas para outro local após considerarem ter dispersado os combatentes o Boko Haram, os combatentes regressam, reorganizam-se, e procuram vingar-se. Deste modo, toda a vida social e económica nos Estados do norte tem vindo a degradar-se drasticamente, com a fractura das comunidades e o agravamento geral da instabilidade.

AS REGIÕES GEOPOLÍTICAS DA NIGÉRIA



A insurreição no norte da Nigéria constitui uma ameaça de segurança, não apenas para a Nigéria mas para toda a região subsaariana e a comunidade internacional. A campanha de violência do Boko Haram tem vindo a crescer em termos dos meios utilizados (bombistas suicidas e dispositivos explosivos improvisados), do número de membros do grupo (que agora inclui combatentes estrangeiros oriundos do Chade, Mauritânia, Níger, Somália e Sudão) e da multiplicação de facções. A mais proeminente destas facções é a Ansaru (cujo nome completo em árabe é *Jama'atu Ansarul Muslimina Fi Biladis Sudan*, que significa "Vanguardas para a Protecção dos Muçulmanos na África Negra"), formada em Janeiro de 2012 e que tem por alvo os cidadãos ocidentais na Nigéria e países vizinhos. O número de ataques e os sofisticados meios empregues pelo grupo têm vindo sempre a crescer, o que revela o reforço das suas capacidades

de planeamento e financiamento. O rapto de turistas franceses realizado pelo Boko Haram em Fevereiro de 2013, o assassinato de sete trabalhadores da construção civil estrangeiros no norte da Nigéria levado a cabo pela Ansaru e a participação de combatentes destes grupos no conflito no Mali são, além disso, reveladores da sua abrangência internacional.

A importância estratégica da Nigéria aos olhos da Jihad global não deve ser subestimada. Com uma população de 167 milhões, 19 por cento da qual com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, a Nigéria é o país mais populoso de África. A sua população muçulmana (cerca de 75 milhões) é a sexta maior a nível mundial. A Nigéria é, além disso, o maior produtor de petróleo de África e possui a segunda maior economia do continente. Cidadãos nigerianos têm estado ligados a conspirações terroristas internacionais e jihadistas de regiões exteriores a África têm procurado recrutar membros na Nigéria.⁵ Se a Nigéria e os seus parceiros não conseguirem conter a crescente radicalização da juventude nigeriana e as tensões etno-religiosas que germinam por todo o país, muitos cidadãos pobres e marginalizados do norte da Nigéria continuarão a aderir a grupos radicais islâmicos,

Michael Olufemi Sodipo é o Fundador e Coordenador da Rede Iniciativa da Paz em Kano, na Nigéria.

transformando o norte num centro de instabilidade. Este facto tem graves implicações de segurança e económicas para a região em geral e para os parceiros internacionais.

GÉNESE DA RADICALIZAÇÃO NO NORTE DA NIGÉRIA

Embora o extremismo islâmico violento no norte do país tenha registado um grande aumento na última década, na Nigéria o conceito de jihad tem raízes históricas profundas. Entre 1802 e 1812, Usman Dan Fodio lançou uma jihad e acabou por fundar o Califado de Sokoto, que abrangia o norte da Nigéria e parte do Níger⁶. A rebelião social e política conduzida por Dan Fodio contra aquilo que designou como a ganância e a violação da lei charia pelas elites muçulmanas africanas foi objecto de grande apoio popular. O Califado funcionou como um baluarte islâmico de resistência ao domínio colonial e um símbolo de rejeição do governo secular e gerou uma rede regional de movimentos islâmicos na Nigéria e além fronteiras.

No início do século XX, os colonos britânicos estenderam o seu controlo para norte, incluindo o Califado de Sokoto. No entanto, os protectorados do norte e sul da Nigéria que daí resultaram foram governados separadamente devido às suas diferenças culturais até 1914, quando ambos foram unidos pelos britânicos por razões económicas. Mas mesmo após a unificação, norte e sul continuaram divididos, já que o sistema colonial de governação indirecta dos protectorados, através de dirigentes indígenas, apenas institucionalizou as divisões existentes. Com a construção de infraestruturas como novas linhas de caminhos de ferro, trabalhadores imigrantes e comerciantes do sul fixaram-se em acantonamentos na maior parte das grandes cidades do norte. Estes *sabon gari* (“bairros de estrangeiros” em língua Hausa) acabaram por ter o efeito de concentrar os cristãos Igbo e Yoruba do sul em bolsas homogéneas no interior das cidades muçulmanas Hausa-Fulani, dando origem a uma profunda divisão entre indígenas e colonos que viria a transformar-se num instrumento poderoso de mobilização de apoiantes para políticos com propósitos definidos.

Um rápido desenvolvimento do revivalismo islâmico e cristão na década de 1970 abriu caminho ao extremismo que grassa hoje no norte da Nigéria. O puritanismo dos adeptos de ambas as religiões no norte da Nigéria deu origem a movimentos políticos cada vez mais fundamentalistas. A revolução de 1979 no Irão, que produziu um governo islâmico, inspirou muitos muçulmanos do norte da Nigéria. Na década de 1980, movimentos islâmicos radicais como os Irmãos Muçulmanos, mais tarde denominado Movimento Islâmico da Nigéria, liderado pelo Sheik Ibrahim Zakzaky do Estado de Kaduna, criaram no norte do país uma facção islâmica extremista xiita pró-iraniana.

Entretanto, o movimento Maitatsine, activo desde o início da década de 1970, tornou-se o principal grupo

extremista violento da Nigéria⁷. A seita era contrária à modernização e rejeitava tudo aquilo que estivesse conotado como ocidental. O fundador do movimento, Muhammadu Marwa, um pregador islâmico que emigrou dos Camarões para Kano em 1945, passou a ser conhecido por *Maitatsine* (“aquele que amaldiçoa” em Hausa) devido ao seu discurso inflamado contra os muçulmanos moderados e o governo. O grupo de Maitatsine perseguiu a ordem islâmica estabelecida e incitou os sectores mais desfavorecidos da população a insurgir-se contra as elites urbanas. O resultante surgimento de tumultos, que tiveram início em Kano no Verão de 1980, propagou-se a outras zonas do norte da Nigéria mesmo após Marwa ter sido morto pelas forças de segurança nigerianas em Dezembro desse mesmo ano. A violência matou 4.177 pessoas. O movimento Maitatsine foi o primeiro a adoptar muitas das tácticas que viriam a caracterizar o processo actual de radicalização islâmica na Nigéria, como o incitamento de comunidades pobres contra muçulmanos prósperos dos meios urbanos, a defesa do emprego da violência contra não muçulmanos, a adesão a movimentos islâmicos internacionais e a incorporação de tácticas jihadistas globais em operações locais.

O papel da Nigéria na radicalização islâmica crescente verificada a nível mundial na sequência do 11 de Setembro de 2001 manifestou-se de várias formas. Havia cidadãos nigerianos entre os poucos africanos presos no Afeganistão sob a acusação de combaterem nas fileiras Talibãs. Nos meses que se seguiram aos atentados de 11 de Setembro, receberam o nome de Osama⁸ 7 de cada 10 rapazes nascidos num hospital em Kano. Em 2002, Osama bin Laden exortou os muçulmanos à insurreição em apenas dois países africanos: Marrocos e Nigéria⁹. Outras ocorrências chamaram a atenção do mundo para o extremismo religioso no norte da Nigéria: a resistência oposta a campanhas de erradicação da poliomielite, após os extremistas anunciarem que se tratava de uma manobra do Ocidente para esterilizar muçulmanos, tumultos mortíferos em 2002 motivados por um artigo num jornal nacional que atribuía pouca importância às objecções levantadas à realização do concurso de beleza Miss Mundo na Nigéria; em 2006, após a publicação dos desenhos humorísticos dinamarqueses sobre o Profeta Maomé, protestos violentos provocaram 130 mortos na Nigéria, mais vítimas do que em qualquer outro país.

O Boko Haram, fundado cerca de 2002 por Mohammed Yusuf, é a expressão mais recente de uma tendência que se faz sentir há muito tempo. Partilhando o desígnio dos jihadistas de outrora de islamização da Nigéria, o Boko Haram defende que a solução de problemas como a corrupção generalizada nas esferas oficiais, a exclusão política e as desigualdades sociais reside na adesão à versão puritana do Islão que professa. O grupo também defende a adesão ao movimento internacional de jihad. A violência exercida desde 2009 pelo Boko Haram foi superior à do movimento Maitatsine.

DIFERENÇAS REGIONAIS DE QUALIDADE DE VIDA

Região	Literacia entre jovens (% Idade 5-16)	Frequência da Escola Primária (%)	Frequência da Escola Secundária (%)	Melhor Acesso a Água Potável (%)	Melhor Acesso a Saneamento (%)	Pequenas e Médias Empresas por 100.000	Vê Televisão Uma Vez por Semana (%)	Lê o Jornal Uma Vez por Semana (%)
Nordeste	18	43	24	(%)	28	9	19	9
Noroeste	24	37	21	47	37	13	21	10
Centro-Norte	43	67	41	51	27	18	49	19
Sudoeste	78	79	64	73	26	20	73	21
Sul-Sul	70	80	59	63	32	14	75	30
Sudeste	66	79	58	71	41	15	52	27

Fontes: Gabinete Nacional de Estatísticas da Nigéria, Comissão Nacional de População da Nigéria, e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Os números do inquérito relativos a “Água Potável” e “Saneamento” são de 2012, enquanto todos os outros são de 2010.

DINÂMICAS SUBJACENTES DE RADICALIZAÇÃO

A radicalização é o processo através do qual um indivíduo ou grupo adopta ideias políticas, sociais e religiosas extremistas que rejeitam o *status quo*, contestam os conceitos modernos de liberdade de escolha e expressão e propõem a violência e o terrorismo como forma de atingir os seus fins ideológicos. O processo começa geralmente por uma mudança nas aspirações pessoais do indivíduo e o abandono dos valores com que antes se identificava. A transformação é alimentada por frustrações pessoais e o descontentamento colectivo causados por problemas locais e acontecimentos internacionais¹⁰.

Aquando da independência, em 1960, a desconfiância entre comunidades e profundas divisões etno-religiosas, tanto no norte como no sul, impediram a construção de uma genuína identidade pan-nigeriana. Os políticos nigerianos eram, e continuam a ser, dominados pela competição feroz pelos recursos socioeconómicos e por uma visão do Estado enquanto principal fonte de benefícios. “Esta competição...encoraja o recurso a grupos identitários, fazendo com que a lealdade à comunidade étnica se sobreponha à lealdade à Nação”¹¹. Na corrida à distribuição dos cargos oficiais e dos recursos, entra em jogo a pertença a determinada etnia/religião.

A influência de grupos como o Boko Haram no norte da Nigéria está muito ligada ao desemprego dos jovens, à falta de oportunidades económicas e à emergência do terrorismo¹². As *Almajiri*, crianças pobres mandadas para longe das famílias estudar o Islão com um professor do Corão, acabam por ficar a viver numa situação de miséria, com uma educação formal mínima ou inexistente, forçadas a mendigar para sobreviver, e são muitas vezes arrastadas para confrontos religiosos. Em 2006, só no Estado de Kano havia um milhão e duzentas mil *almajiri*. Outra grande razão de queixa é a situação de pobreza generalizada, num país que em 2012 obteve uma receita oficial de cerca de 50 mil milhões de dólares das suas reservas petrolíferas¹³. Setenta por cento da população do norte vive abaixo do limiar de pobreza e o norte, de

maioria muçulmana, regista uma taxa de desemprego mais elevada do que a média nacional (ver tabela)¹⁴.

TRAVAR A RADICALIZAÇÃO DOS JOVENS E AS TENSÕES ETNO-RELIGIOSAS

O Clube da Paz, um projecto da Rede Iniciativa de Paz (*Peace Initiative Network - PIN*), foi inaugurado em Kano a 27 de Maio de 2006, o Dia da Criança na Nigéria. O Clube destina-se a promover a tolerância, o diálogo e o entendimento através da educação para a paz e de equipas desportivas compostas de jovens de diferentes comunidades e contextos no norte da Nigéria, ou seja muçulmanos e cristãos, indígenas e colonos. O Clube começou por ter cinquenta membros (30 rapazes e 20 raparigas) de 7 escolas secundárias de Kano. Agrupa hoje mais de oito mil alunos de 60 escolas secundárias e universidades (1 625 licenciados) em quatro Estados do norte: Kano, Kaduna, Plateau e Gombe.

O Clube foi criado com os seguintes objectivos: 1) fomentar os contactos entre jovens de contextos diferentes de modo a atenuar as tensões etno-religiosas; 2) contribuir para o reforço de uma sociedade pacífica na Nigéria; 3) ajudar os membros a desenvolver capacidades de liderança, de resolução negociada de problemas e competências culturais de relacionamento.

Jovens muçulmanos e cristãos de diversos grupos étnicos recebem formação em mediação entre pares e aconselhamento pessoal destinados a promover valores da tolerância e de resolução pacífica de diferendos. Com base nos modelos e melhores práticas retirados da experiência do conflito da Irlanda do Norte e de outras sociedades afectadas pela violência, mediadores, conselheiros e, por vezes, líderes respeitados na comunidade, ensinam os membros do Clube a questionar estereótipos e preconceitos étnicos para passarem a pensar e a agir como cidadãos do mundo. Através de palestras públicas organizadas, programas entre escolas e acampamentos de paz durante o verão, o Clube também promove uma visão construtiva da inclusão e da diversidade, acima de distinções religiosas, étnicas, de género e linguísticas.

O PROJECTO DO CLUBE DE PAZ

*Aprendi a ver as coisas do ponto de vista dos outros [membros do Clube da Paz]. Fiz muitos amigos; uma delas – Dayo – é da zona ocidental do país e eu sou da região norte. Começámos juntas, tornámo-nos membros do Clube da Paz ao mesmo tempo. E aprendi muito sobre as pessoas da região ocidental, e ela também aprendeu muito sobre as pessoas do norte. Somos diferentes, vivemos todos no mesmo país, mas temos tantas coisas maravilhosas para partilhar.*¹⁵

- Abdulmalik, 19

Esta abordagem é particularmente importante, considerando que a maioria das escolas em Kano é segregada por género e etnia.

Os membros do Clube da Paz reúnem-se uma vez por semana. As reuniões começam normalmente por um jogo desportivo. Quando surgem injustiças durante o jogo, como não passar a bola a jogadores mais novos ou a raparigas, o treinador interrompe e os membros juntam-se para debater formas de mudar as regras para que sejam mais justas. Podem decidir, por exemplo, que golos marcados por uma rapariga contam a dobrar. É desta forma que os membros do Clube aprendem a ajudar-se uns aos outros e a reagir de forma mais inovadora e inclusiva. Os resultados são notáveis, chegando muitas vezes os próprios jovens a assumir o papel de treinador.

« o Clube também promove uma visão construtiva da inclusão e da diversidade, acima de distinções religiosas, étnicas, de género e linguísticas »

Nos primeiros tempos do Clube ocorreram algumas agressões físicas entre membros de origens diferentes. Mas esses confrontos também representaram oportunidades importantes de aprender a lidar com as diferenças, os preconceitos culturais e as divergências de valores. Hoje em dia, todas as disputas e actividades do clube terminam com uma discussão de grupo sobre os tópicos relevantes. Em suma, não haveria processo de aprendizagem sem alguma conflitualidade.

As competências pessoais adquiridas no Clube dotaram estes jovens de instrumentos para a vida, melhoraram o seu sentimento de inserção social, bem como a sua resiliência, auto-estima, capacidade de trabalho em equipa, respeito e ligação aos outros. A tolerância dos membros do Clube da Paz em relação a outros grupos identitários tornou-se a norma. Yusuf Ibrahim, de 17 anos, exprimiu esta transformação no decurso da avaliação de um projecto: “Antes de frequentar este programa, odiava as pessoas que eram cristãs. Mas agora aprendi, no Clube da Paz, a amá-las e a apreciá-las”.

Os formadores do Clube da Paz (instrutores formados, oriundos de escolas-membro, organizações não governamentais e grupos religiosos) trabalham arduamente para desenvolver laços de confiança entre os membros.

Também organizam actividades de forma independente, como diálogos inter-religiosos e reuniões abertas, nas quais participam famílias, líderes comunitários e grupos religiosos com vista a reforçar a coexistência pacífica entre os diversos grupos. Uma forma de medir o impacto do projecto consiste em verificar a sua influência junto dos pais dos membros do Clube, muitos dos quais inicialmente não queriam que os seus filhos participassem. O relacionamento entre grupos de pais, que havia desaparecido durante décadas de tensões etno-religiosas, restabeleceu-se em virtude dos programas do Clube da Paz. Adultos de grupos étnicos distintos convidam-se agora uns aos outros para a cerimónia em que se dá o nome a uma criança, bem como para casamentos e funerais, algo que era muito raro acontecer. Crianças que outrora nunca teriam podido brincar juntas convivem hoje regularmente nas casas umas das outras, o que contribui de forma importante para atenuar as tensões etno-religiosas e reforçar a resistência da comunidade perante eventuais motivos de conflito.

PROGRAMAS DESTINADOS A TRAVAR O EXTREMISMO E A CONFLITUALIDADE NOUTROS CONTEXTOS

Embora os Clubes da Paz tenham contribuído para reduzir a animosidade etno-religiosa, não são suficientes para atenuar a escalada do extremismo entre os jovens do norte da Nigéria. É necessária uma abordagem mais ambiciosa. As experiências retiradas de programas destinados a travar o extremismo e a conflitualidade na Arábia Saudita, Singapura e Indonésia, entre outros países, proporcionaram importantes ensinamentos para a reabilitação de indivíduos que aderiram a ideologias radicais. Ao tratar esses jovens extremistas como jovens “enganados” e portanto como vítimas, em vez de delinquentes irrecuperáveis, estes programas visam contrariar as posições radicais e pôr em causa os objectivos dos que defendem a violência. Estes programas procuram denunciar a visão deturpada dos princípios fundamentais do Islão que é defendida pelos extremistas, através da realização de campanhas sobre os princípios da charia e os verdadeiros valores da fé islâmica, como o princípio da tolerância. Na Arábia Saudita isto é feito através dos órgãos de comunicação social, por meio de campanhas nacionais de solidariedade contra o terrorismo, medidas de reforço do ensino público, a monitorização da

pregação, convenções de diálogo nacional, a definição de regras para instituições de caridade e o reforço da cooperação internacional. No Bangladesh, o governo age através da extensa rede de organizações não governamentais do país, para assegurar que o programa é liderado pelas bases e se encontra adaptado à situação específica de cada comunidade¹⁶. Muitos países também organizam diálogos inter-religiosos nos quais dirigentes políticos, académicos e líderes religiosos trocam ideias sobre temas religiosos, sociais e culturais num ambiente de respeito, tolerância mútua e compreensão.

« ao tratar esses jovens extremistas como jovens ‘enganados’ e portanto como vítimas, em vez de delinquentes irrecuperáveis, estes programas visam contrariar as posições radicais e pôr em causa os objectivos dos que defendem a violência »

Entre os indivíduos que estão presos por actos terroristas, o programa saudita estimou que apenas 10 por cento são militantes convictos e que os restantes 90 por cento são passíveis de reabilitação¹⁷. A estes últimos, o programa saudita oferece reeducação religiosa intensiva, reabilitação (possibilitando um futuro socialmente seguro através de formação profissional e programas educativos) bem como aconselhamento. O programa coloca também grande ênfase no apoio social, destinado não só aos indivíduos que estão presos como às suas famílias, em risco de enfrentar graves dificuldades económicas quando o chefe de família e principal ganha pão se encontra detido. Este apoio social também ajuda a evitar a radicalização de familiares. O governo saudita criou instalações penitenciárias especiais, que não só separam os extremistas islâmicos dos prisioneiros comuns como separam os extremistas uns dos outros, para impedir as prisões de se transformarem em centros de criação de redes terroristas.

As conclusões retiradas de uma análise dos programas destinados a prisioneiros extremistas de 15 países indicam que é indispensável conjugar as iniciativas de reeducação religiosa e formação profissional com interlocutores credíveis (clérigos e jovens outrora radicalizados) capazes de compreender os problemas pessoais e psicológicos dos prisioneiros. A ajuda psicológica é complementada por medidas destinadas a facilitar a transição dos prisioneiros para meios sociais afastados do extremismo e reforçar de forma sistemática um compromisso de longo prazo com a família, a comunidade e o país, para desencorajar a reincidência¹⁸. Esta abordagem decorre do reconhecimento de que, além dos motivos económicos e ideológicos da radicalização, os jovens aderem a grupos extremistas porque estes lhes transmitem um sentimento de pertença.

Os modelos da Arábia Saudita e de Singapura são ambos muito bem sucedidos e bem financiados. No entanto, programas como os da Indonésia e do Bangladesh podem obter bons resultados mesmo com recursos limitados. A chave do sucesso reside na adaptação do programa ao contexto local. Um programa de reeducação e reabilitação só resulta quando o antigo extremista acede a um contexto social alternativo com o qual pode identificar-se. A família é de um modo geral fundamental, mas são igualmente importantes o apoio da comunidade e o acesso a um emprego. O programa saudita concluiu que a manutenção de laços entre os antigos extremistas e os seus conselheiros prisionais contribuía para a reintegração após a saída da prisão. Outro elemento importante a considerar é o ambiente em que são reintegrados os ex-militantes. Na Indonésia, a atenuação dos conflitos contribuiu para que antigos militantes extremistas fizessem uma transição pacífica para a sociedade. No Iémen, pelo contrário, os conflitos locais agravaram-se durante o período de reintegração dos extremistas, que por esse motivo se encontraram de novo expostos a uma atmosfera de radicalização.

RECOMENDAÇÕES

Conter o extremismo violento no norte da Nigéria exige intervenções em todas as etapas do processo de radicalização, desde o emprego ponderado da força até à tomada de medidas de prevenção, destinadas a dar resposta às carências socioeconómicas, a combater as ideologias extremistas e a reabilitar indivíduos radicalizados.

Resposta mais eficaz do sector de segurança. Considerando o facto de os líderes de grupos islâmicos radicais violentos representarem uma ameaça à segurança, é indispensável que os governos envidem esforços para identificar e deter estes indivíduos e travar a sua influência desestabilizadora. No entanto, embora o emprego da força possa estancar temporariamente uma insurreição, quando levado a cabo de forma indiscriminada corre o risco de radicalizar jovens em risco e de criar novas ramificações extremistas. O sector de segurança da Nigéria deve, pois, reavaliar a sua estratégia de contra-insurreição. As operações baseadas na recolha de informações exigem um envolvimento permanente das populações locais. Assim, para reforçar a credibilidade do governo e a confiança das comunidades locais, condições indispensáveis à cooperação a este nível, todas as queixas relativas a detenções arbitrárias, utilização da tortura e assassinatos extrajudiciais por parte das forças de segurança da Nigéria devem ser alvo de investigação imediata e minuciosa.

A comunidade internacional poderia fornecer ao sector de segurança da Nigéria orientações relativas a melhores práticas e desempenhar um papel importante no que respeita à contenção de factores externos, como as fontes de financiamento, os combatentes estrangeiros, a propaganda jihadista e os treinos e difusão de táticas

empregues por outros grupos extremistas. As iniciativas de prevenção, associadas aos esforços governamentais para desenvolver laços sólidos com as comunidades locais contribuem para reduzir a violência e abrandar a adesão dos jovens a ideários extremistas.

Investimento intensivo no desenvolvimento do norte. A grande maioria dos indivíduos que fazem parte de grupos radicais é composta de meros seguidores ou simpatizantes, motivados sobretudo por problemas económicos. Muitos deles são jovens que pertencem ao grande grupo de populações desfavorecidas do norte da Nigéria, comunidades privadas de educação formal e oportunidades económicas, que assistem regularmente a constantes conflitos etno-religiosos. O governo e os agentes da sociedade civil devem concentrar mais recursos na resolução destes problemas, que estão na origem do extremismo. Um empenhamento claro na redução drástica da pobreza e numa maior cobertura do sistema educativo público é crucial para eliminar o extremismo violento. Facultar aos cidadãos o acesso à educação básica e a uma qualificação profissional significa prepará-los para serem membros competentes e dinâmicos da sociedade. Encontrar um propósito no seio da comunidade evitaria a muitos jovens depositar expectativas numa ideologia islâmica radical.

« um programa de reeducação e reabilitação só resulta quando o antigo extremista acede a um contexto social alternativo com o qual pode identificar-se »

Combater a corrupção endémica e a má governação. As organizações extremistas servem-se de jovens desiludidos, que se sentem traídos pela cultura de impunidade e os abusos cometidos pela classe dirigente. A corrupção omnipresente é responsável pela falta de confiança no governo e a ausência generalizada de expectativas, manifestas em muitas comunidades do norte. As profundas desigualdades socioeconómicas e políticas alimentam as expressões mais violentas de radicalização no norte da Nigéria. Para melhorar a supervisão e a confiança no governo da Nigéria, este deve intensificar a colaboração com líderes religiosos, os anciãos tradicionais e os agentes da sociedade civil já estabelecidos nas comunidades do norte. Neste contexto, o governo do Estado do Kano criou um modelo inovador ao envolver organizações não governamentais locais no controlo e na avaliação de projectos oficiais.

Criar um espaço seguro no qual as vozes moderadas possam ser ouvidas. Devem ser intensificados os esforços no sentido de reduzir a influência que as ideologias radicais exercem na juventude. O governo deve encorajar e facilitar o discurso reformista e o diálogo entre muçulmanos, cristãos e líderes do sector de segurança no norte da Nigéria, a fim de reforçar a harmonia

inter-religiosa e desenvolver o entendimento mútuo no terreno. Pequenos passos, como os Clubes da Paz, produziram grandes melhorias na vida das comunidades. Ao convidar muçulmanos e cristãos moderados a participar em diálogos inter-religiosos organizados e reuniões abertas, ao envolver os jovens em formas criativas de desmontar estereótipos e preconceitos, as comunidades do Clube da Paz acolhem hoje discussões e debates públicos sobre divisões etno-religiosas e o conflito no norte da Nigéria. Este esforço deve ser ampliado de forma a envolver membros das forças militares, a polícia local e os líderes comunitários. Ao criar um espaço de diálogo à margem dos discursos incendiários dos políticos oportunistas e extremistas islâmicos, as comunidades mistas de um ponto de vista etno-religioso devem encontrar a sua própria voz e o seu poder através de um entendimento pacífico. Se contarem com o apoio e uma protecção mais sólida da polícia e do sector de segurança em geral, essas comunidades poderão converter-se em portos de abrigo para os moderados.

Reabilitação de prisioneiros radicalizados. Os membros de grupos extremistas que se encontram na prisão devem frequentar programas abrangentes de reabilitação para poderem mais tarde ter um papel construtivo na sociedade. O governo nigeriano deve reproduzir os modelos saudita e de Singapura que puder financiar, designadamente no que respeita à reabilitação de combatentes radicalizados que se encontram presos. Estes programas demonstraram a importância do acesso do prisioneiro extremista a um interlocutor ou conselheiro, que ofereça um diálogo e uma compreensão constantes, que possa orientar a sua reeducação religiosa, que dê conselhos e seja capaz de explicar que o extremismo é uma perspectiva deturpada do Islão e que a violência é contrária aos princípios do Islão. O conselheiro deve ser uma figura respeitada, como um clérigo moderado ou um antigo líder radical reabilitado. É essencial impedir que as prisões se transformem em centros de recrutamento de extremistas.

Todos os programas bem sucedidos de reabilitação privilegiaram a formação profissional e a preparação dos antigos insurgentes para o regresso à sociedade com competências que lhes permitam um modo de vida produtivo. Da mesma forma, criar laços sociais afastados dos meios extremistas é uma condição chave para a integração e fixação dos antigos combatentes na comunidade e na vida familiar. A reintegração deve assumir uma forma que tenha significado pessoal para o antigo extremista, o que tornará mais improvável a sua reincidência.

A implementação de muitas destas medidas não deveria caber exclusivamente ao governo. A Nigéria possui uma sociedade civil rica, que poderia contribuir para a organização de iniciativas destinadas a desencorajar o extremismo e a conflitualidade. A comunidade internacional poderia facultar financiamentos para programas não governamentais desta natureza, bem como experiência técnica.

Reforma das comunidades. Independentemente dos esforços de reabilitação de antigos insurgentes, o risco de reincidência será maior se os motivos de radicalização persistirem após o regresso à liberdade e à comunidade. A bem da colectividade, é imperioso cuidar de cada indivíduo e proporcionar-lhe um sentido de pertença para prevenir os extremismos. Assim, o governo nigeriano deve organizar programas piloto de esclarecimento e denúncia do extremismo, incluindo campanhas nacionais de solidariedade para com as vítimas do terrorismo, programas escolares dedicados à tolerância entre religiões no ensino público e a organização de assembleias de diálogo sobre problemas nacionais.

NOTAS

¹ 2012 *Global Terrorism Index: Capturing the Impact of Terrorism for the Last Decade (Índice do Terrorismo Global: Avaliar o Impacto do Terrorismo na Última Década)* (Sydney: Institute for Economics & Peace, 5 de Dezembro de 2012), acessível em <http://www.visionofhumanity.org/pdf/gti/2012_Global_Terrorism_Index_Report.pdf>.

² Roz Ben-Okagbue, “Drum Beats of War,” (Tambores de Guerra) *Premium Times* (Nigeria), 18 de Maio de 2013.

³ *Spiraling Violence: Boko Haram Attacks and Security Force Abuses in Nigeria (Espiral de Violência: Ataques do Boko Haram e Abusos das Forças de Segurança na Nigéria)* (New York: Human Rights Watch, Outubro de 2012).

⁴ “Nigeria’s Northern Insurgence: A City under Siege,” (A Insurreição no Norte da Nigéria: uma Cidade Cercada) *The Economist*, 25 de Maio de 2013.

⁵ “Nigeria Seeks Extradition of al Qaeda Suspect to U.S.,” (A Nigéria Pretende Extraditar Suspeito da Al Qaeda para os EUA) =Reuters, 6 de Agosto de 2013.

⁶ *Democracy in Nigeria: Continuing Dialogue(s) for Nation-Building*, (Democracia na Nigéria: um Diálogo Permanente (s) para a Construção da Nação) Capacity Building Series No. 10 (Stockholm: International Institute for Democracy and Electoral Assistance, 2001), 3.

⁷ Abiodun Alao, “Islamic Radicalization and Violence in Nigeria: Country Report,” Economic and Social Research Council, 1 de Janeiro de 2009, 16, acessível em <<http://www.securityanddevelopment.org/pdf/ESRC%20Nigeria%20Overview.pdf>>.

⁸ “Osama Baby Craze Hits Nigeria,” BBC, 3 de Janeiro de 2002.

⁹ Alao, 5.

¹⁰ Alex S. Wilner and Claire-Jehanne Dubouloz, “Homegrown Terrorism and Transformative Learning: An Interdisciplinary Approach to Understanding Radicalization,” *Global Change, Peace and Security* 22, no. 1 (Fevereiro de 2010), 38.

¹¹ Richard A. Joseph, *Democracy and Prebendal Politics in Nigeria: The Rise and Fall of the Second Republic*, (Cambridge: Cambridge University Press, 1988), 43.

¹² Raul Caruso, “Youth Unemployment and Terrorism,” in 2012 *Global Terrorism Index: Capturing the Impact of Terrorism for the Last Decade*.

¹³ Hamisu Muhammad, “Nigeria’s Oil Revenue Fell by N761BN in 2012—CBN,” *Daily Trust* (Nigeria), 26 de Abril de 2013.

¹⁴ Paul Rogers, *Nigeria: The Generic Context of the Boko Haram Violence*, Monthly Global Security Briefing, (Oxford: Oxford Research Group, 30 de Abril de 2012), 4.

¹⁵ “Nigerian Youth Use Sports to Bridge Religious Divide,” PBS NewsHour Extra, 26 de Março de 2010, acessível em <http://www.pbs.org/newshour/extra/speakout/world/jan-june10/nigeria_03-26.html>.

¹⁶ *Tackling Extremism: De-Radicalisation and Disengagement*, Policy Briefing (London: Institute for Strategic Dialogue, London, 2012), 20.

¹⁷ Abdullah F. Ansary, “Combating Extremism: A Brief Overview of Saudi Arabia’s Approach,” *Middle East Policy* 15, Issue 2 (Verão de 2008).

¹⁸ Peter R. Newmann, *Prisons and Terrorism: Radicalisation and De-radicalisation in 15 Countries* (London: The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence, 2010), 47.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Diretor Interino:

Michael E. Garrison

National Defense University

300 Fifth Avenue, Building 21

Fort McNair

Washington, DC 20319-5066

Téléphone: + 1 202 685-7300

Site Internet: www.africacenter.org

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM DAKAR

Gerente Regional:

Gerald Lefler

Téléphone: 221 33 869 61 58

Courriel: Gerald.Lefler@ndu.edu

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM ADIS ABABA

Gerente Regional:

Brad Anderson

Téléphone: 251 11 130 6683

Courriel: AndersonBG@state.gov

RESUMOS DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

Diretor de Pesquisa:

Joseph Siegle, Ph.D.

Téléphone: + 1 202 685-6808

Courriel: Sieglej@ndu.edu

O Centro de Estudos Estratégicos de África apoia o desenvolvimento de políticas estratégicas dos EUA que visam a África, oferecendo programas académicos de alta qualidade e relevantes, fomentando a consciencialização e o diálogo sobre as prioridades estratégicas dos EUA e assuntos relacionados com segurança em África, criando redes de líderes militares e civis africanos, americanos, europeus e internacionais, assistindo as autoridades dos EUA na formulação de políticas eficazes para África e articulando as perspectivas africanas a autoridades dos EUA.



O Resumo de Segurança de África apresenta pesquisa e análise de especialistas do CEEA e eruditos, com o objectivo de avançar a compreensão das questões de segurança Africanas. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ou qualquer outro órgão do Governo Federal. Para mais informações sobre o CEEA, visite o Web site <http://www.africacenter.org>.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

<http://www.africacenter.org>
ISSN 2164-4039